

Parte 4 – O mau gosto

A temática trágica das reportagens policiais de Nelson Rodrigues se caracteriza pelo excesso melodramático. O apelo mórbido e exagerado são características do jornalismo policial dos anos 20, 30 e 40. Nesse período, a coluna policial era o espaço dos jornais originalmente propício ao mau gosto, devido principalmente à própria essência das matérias: o relato de crimes. O relato das mais diversas situações, por vezes grotescas, envolvendo assassinatos, roubos, acidentes e tragédias familiares faziam da secção o carro chefe do mau gosto. Especialmente no jornal do pai de Nelson, *Crítica*, sensacionalista e de forte impacto gráfico, a secção policial se destacava.

Apesar de não se tratar de um jornal de imprensa marrom, *Crítica* era considerado um jornal de escândalo, que tinha como principal objetivo explorar os podres da sociedade carioca. Como vimos anteriormente, as manchetes com pontos de exclamação muitas vezes apresentavam uma única palavra, solitária, mas cruelmente acusatória: “Canalhas!”, “Assassinos!” e “Ladrão”. Os leitores ficavam sempre à espera das próximas notícias, imaginando até que ponto chegariam os detalhes sangrentos e as ilustrações realistas dos crimes, produzidas pelo irmão de Nelson, Roberto. Enquanto vivo, Roberto Rodrigues era o redator da secção e ilustrava a primeira página.

Foi nesse ambiente que Nelson iniciou sua carreira, como vimos. Mas exatamente, o que poderia ser considerado de mau gosto nos jornais desse período? E mais importante, quem determinava o que era de bom ou mau gosto? Como provavelmente já imaginamos, é a elite quem determinava o que era considerado “bom” e o que era considerado “ruim”. João Freire Filho, em sua tese de doutorado, defendida em 2001, discute algumas dessas questões. Intitulada *A Elite Ilustrada e “Os Clamores Anônimos da Barbárie”: Gosto Popular e Polêmicas Culturais no Brasil Moderno*, a tese de João apresenta um abrangente quadro histórico da elite ilustrada brasileira e seu esforço incansável de “civilizar” o país, determinando e controlando o (mau) gosto. E já que vamos analisar o fascínio provocado pelo conhecido “mau gosto” dos textos de Nelson Rodrigues, vale a pena observar com atenção algumas das idéias expostas por João.

A elite brasileira da *Belle Epoque* não via com bons olhos a chamada cultura popular (em oposição à Cultura, com c maiúsculo). Os costumes estranhos e “bárbaros” do povo miserável eram considerados verdadeiras aberrações causadas muito provavelmente pelo nosso “atraso”. A necessidade de “europeização” fez com que se promovesse na cidade do Rio de Janeiro uma onda de reformas urbanas, como a conduzida pelo prefeito Pereira Passos. A reformulação da cidade implicava também na reformulação da mentalidade dos moradores, que deveriam deixar de lado sua cultura de “gente reles” (2001, p.14 – 33).

Com o processo de modernização, surgem então duas cidades: uma imaginada e idealizada pela elite intelectual e outra vista como “atrasada”, “inferior”. João Filho cita as crônicas-reportagens de João do Rio de *A Alma Encantadora das Ruas* (que reúne textos publicados no jornal Gazeta de Notícias e na revista Kosmos) onde o autor faz um inventário dos tipos mais variados que viviam pelos cantos miseráveis da cidade, realizando flagrantes jornalísticos a partir de sua observação como repórter. As crônicas tinham sido impulsionadas pela repercussão na época do folhetim de Eugène Sue, *Les Mystères de Paris* (junho de 1842 a outubro de 1843). A narrativa tinha como objetivo apresentar aos parisienses o mundo “exótico” e “primitivo” de uma gente desconhecida que representava uma ameaça ao mundo “civilizado”. Da mesma forma, o narrador-repórter João do Rio se infiltrava pelos locais onde viviam as pessoas da classe baixa e observava, relatando ao leitor, num misto de repulsa e fascínio, os costumes, crenças e estilo de vida de tais personagens.

Uma das reportagens de João do Rio falava justamente sobre a preocupação com relação à venda de “obras populares” que podiam exercer má influência sobre a multidão. As histórias de crimes e os títulos sangrentos eram considerados como extremamente nocivos para a população. Um dos títulos muito nos lembra o estilo das manchetes das reportagens policiais escritas por Nelson: “Maria José, ou a filha que assassinou, degolou e esquartejou sua própria mãe”. (Freire Filho, 2001, p.48).

João do Rio mostrava em suas crônicas o que havia de mais chocante nos extremos das sociedades de classe. Para vencer o tédio dos leitores, João do Rio colocou em algumas de suas crônicas “o que havia de mais raro, inopinado, anômalo, chocante...” (Freire Filho, 2001, p.55). Muitos dos personagens eram

indivíduos da sociedade abastada que, perambulando entre os “primitivos”, se deslumbravam com suas vidas simples e sem pudor. O espaço em que viviam era livre e propiciava “todas as oportunidades para o cultivo de emoções raras, excentricidades corruptas...” (Freire Filho, 2001, p.57).

O deslumbramento provocado pelo cenário popular extremamente heterogêneo e curioso da *Belle Epoque* reflete o sentimento do “estranho” que agrada, o exótico que encanta e até mesmo o grotesco que fascina. De acordo com João Freire Filho, tais cenários sociais eram experimentados como um espaço de “fruição de sensações mais intensas” e resultava em um bálsamo para as neuroses e frustrações da vida burguesa e sem graça. Em uma definição muito interessante, João afirma que o popular era uma espécie de “lama medicinal”.

Na virada do século a questão do bom e mau gosto passou por transformações. O que era considerado “popular” (e portanto de mau gosto) foi reprocessado, permitindo então que os indivíduos pudessem entrar em contato com a exótica cultura sem se sentirem ameaçados. As antigas zonas boêmias por exemplo, foram convertidas em espaços sociais não mais restritos aos pobres, deserdados e deslocados. A cultura popular passava a ser acessível às modernas camadas da população.

A partir desse momento, podemos pensar que a questão do bom e do mau gosto ganhou ainda maior dimensão. No aspecto que mais nos interessa, o jornalismo, as transformações foram substanciais. Esferas anteriormente desconectadas, como o jornal e as obras populares, começaram a se interligar. Os jornais abriram espaço para conteúdos de forte apelo popular, como o folhetim, e o mercado publicitário e a indústria do entretenimento se fortaleceram. Tudo isso fez com que as matérias jornalísticas se tornassem cada vez mais “populares”, privilegiando temas como assassinatos, roubos, desastres, catástrofes naturais etc. Surgia o sensacionalismo, a coluna social, a maior cobertura das notícias policiais e a preferência pela publicação de crônicas curtas. Os jornais do período estavam definitivamente dispostos a atingir um público heterogêneo, o que provocou a reação de literatos que se preocupavam com uma “estandardização da cultura” e a transformação da arte em atividade lucrativa e industrial (João Freire Filho, 2001, p.100). Vale ressaltar que, da mesma forma que a elite era a responsável pela definição do bom e mau gosto, da “alta” e “baixa” cultura, também os críticos literários separavam a “boa” literatura da “ruim”. Principalmente com o advento

da chamada indústria cultural, havia uma distinção entre o campo literário legitimado e o “resto”: este era o espaço reservado à escrita ou imagens (televisão, cinema) de massa não consagradas (Borelli, 1996, p.25).

Foi no período do grande sucesso e importância das reportagens policiais e seus temas de assassinatos e desastres que então, o repórter Nelson Rodrigues logo chamou a atenção por sua habilidade em tornar ainda mais melodramáticos e trágicos os crimes. A tendência ao mau gosto floresceu com o jovem repórter que sabia como ninguém transformar as mais simples situações em verdadeiras tragédia gregas. Mas principalmente, Nelson acrescentava às diversas ocorrências policiais os detalhes mais estranhos e bizarros, caracteristicamente de mau gosto. Assim como acontece nos contos de *A vida como ela é*, nas reportagens, quando o leitor menos esperava, era surpreendido por pequenas observações e descrições de atos íntimos, jamais executados em público. Nelson retrata os detalhes pequenos, muitas vezes humilhantes, que fazem parte do dia a dia de pessoas simples e seus pequenos universos. Pais de família, empregadas, contínuos, jovens estudantes são os personagens flagrados pelo autor em seu cotidiano. Nas reportagens de suicídio, os suicidas não se matam de forma “limpa”, romântica e quase poética, típica do ideal romântico. São mortes “sujas”, com venenos como a creolina. E mais ainda, os suicidas, na maioria das vezes, nem ao menos conseguem morrer.

Esse é o caso da reportagem de *A Manhã*, “Num terrível acesso de fúria / Uma cena de sangue no morro do Salgueiro” (maio, 1928). Como já vimos no segundo capítulo, Paulo, pai de família, tenta se suicidar com creolina mas não morre. Sobrevive e fica louco, terminando por esfaquear a esposa e a sogra. Situação semelhante vive Lizette, telefonista da Light, em “Porque amasse muito, a pequena telefonista quis morrer...” (maio, 1928). Nelson descreve a situação da jovem que tenta se suicidar com creolina. Ao contrário de Paulo, Lizette morre. Ao ser encontrado o corpo, Nelson acrescenta o pequeno detalhe: “Do ouvido direito escorria um filete rubro e quente”. Detalhes como esse, onde estão envolvidos corpo, sangue, secreções, suor etc, são características tipicamente de mau gosto do repertório do jovem repórter, que retornarão, obsessivamente, em sua obra.

Da mesma forma tais detalhes são vistos nas reportagens de *Crítica*. Em “Até na morte ocultou-se um desgosto” (novembro, 1928) a notícia é o suicídio da empregada Constância, que havia ingerido creolina. Nelson não deixa escapar o

detalhe da baba que escorre da boca da morta: *“Pessoas da família Mello Machado ouviram-lhe os gemidos lancinantes. Trataram de socorrê-la e então viram-na soluçando e gemendo, sobre o leito, deixando cair ao travesseiro uma baba negra que lhe escorria da boca”*.

Outra característica de Nelson considerada de mau gosto é a temática do incesto. Toda espécie de comentários cruéis, frases fora de hora e situações inconvenientes passadas no seio da família aparentemente feliz são relatadas pelo autor. E o incesto, a mais chocante das situações, parece ser uma de suas especialidades. Não apenas nos contos, mas já nas reportagens policiais vemos esse tema. O título da reportagem publicada em setembro de 1929, em *Crítica*, já diz tudo: *“Quando encontrar minha mulher, desfechar-lhe-ei cinco tiros / Fui traído antes do meu casamento / O sedutor de minha esposa foi o próprio pai”*. Desejando ver a esposa *“morta, retalhada”*, o marido enganado descobre também que o pai já havia sido amante de outra filha que, grávida, abortara. O *“despudor”* de Nelson é total.

No jornal *O Globo* o mau gosto também pode ser visto. Um pequeno detalhe na reportagem *“A garçonete matou o amante”* (julho, 1931) remete ao estilo do autor. A notícia retrata o caso de Georgina que, abandonada pelo amante, decide matá-lo: *“Dois tiros falharam. Os outros quatro projéteis atingiram a cabeça, o pescoço e o tórax de Walter, que tombou ao solo sem vida, a jorrar sangue aos borbotões pelas feridas”*.

O mau gosto também aparece sob a forma do humor. Frases bem humoradas ditas em momentos impróprios chamam a atenção. É o que vemos em *“O plano diabólico de um desalentado / Queria exterminar a família e suicidar-se!”*. Na reportagem conhecemos o caso de Máximo José dos Santos que, vivendo em situação de miséria, decide se suicidar, propondo o mesmo à esposa. Esta, decidida a enganar o marido, concorda com a idéia, soltando a frase inesperada: *“...aproveitando-se da circunstância do marido ir vestir-se, Custódia disse que ia sair. – Não, não saias que eu vou buscar o veneno na farmácia. – Bem, eu vou buscar o pão. Ao menos morremos de barriga cheia...”*.

Crimes sangrentos e suas mais variadas descrições são igualmente características das reportagens. Frases como *“...foi hoje banhada em sangue uma união....”* (em *“Julgando impossível a reconciliação, abateu a esposa a tiros”*, dezembro de 1931), *“...deparou com o casal estirado no leito, transformado em*

verdadeiro lago de sangue” (em “Passaram a noite concertando um plano para morrerem juntos”, dezembro de 1931), “...foi teatro de uma cena de sangue emocionante...”, “...caída ao chão, no quarto, em uma poça de sangue” (em “A trágica psicose de um enfermo / Prostrou morta a pontacos a infeliz e dedicada esposa”, junho de 1932) são alguns dos exemplos. Também nessa última reportagem, chama a atenção a cena final, quando o assassino, arrependido, beija o cadáver ardentemente. A cena é recorrente nas histórias de Nelson.

O mau gosto presente nas reportagens se tornaria, como foi dito, anos depois, uma das marcas de Nelson em sua dramaturgia, romances e contos de *A vida como ela é*. Em *Vestido de Noiva*, temos um exemplo bem ilustrativo, talvez o mais recorrente em suas histórias. As irmãs Alaíde e Lúcia amam o mesmo homem, Pedro. Alaíde está para se casar com Pedro, quando recebe a revelação de que Lúcia se encontrava em segredo com o noivo. Ao contar a história das irmãs, em meio ao diálogo dramático de ambas, as confissões e revelações trágicas, Nelson insere a declaração totalmente inesperada, humilhante e embaraçosa. Na cena estão presentes as irmãs, Dona Lígia (a mãe) e Pedro (o pivô da confusão amorosa):

Pedro – Você parece doida, Alaíde!

Alaíde (para Lúcia) – Diga agora o que você disse de mamãe!

Lúcia (virando-lhe às costas) – Quer me intrigar com mamãe! (para Alaíde) Não adianta!

D. Lígia (abanando-se) – Vamos acabar com isso! É feio!

Alaíde (com escárnio) – Ela está com medo! (para Lúcia) Não quer dizer?

Lúcia (resoluta) – Digo, sim. É muito simples. Eu disse...

Alaíde (irônica) – Perdeu a coragem?

(...)

Lúcia (com certa relutância) – O que eu disse, mamãe, é que a senhora...transpira muito. Demais! Pronto! (para Alaíde) Viu como eu disse?

A peça, na época em que foi lançada, em 1943, provocou espanto na sociedade que até então jamais tinha visto nada parecido nos palcos teatrais: 140 mudanças de cena, 132 efeitos de luz, vinte refletores, 25 pessoas no palco e 32 personagens (muitos deles vividos pelo mesmo ator). Os planos se cruzavam, se confundiam, desorientando a platéia que, apesar da explicação inicial lida por

Nelson Vaz, não entendia nada. Se por um lado a platéia não entendia a estrutura da história, por outro se espantava com os temas de adultério, prostituição e frases como “É tão fácil matar um marido” (Castro, 1992, p. 172). Mas, apesar das confusões no decorrer da peça e dos comentários indignados durante os intervalos, ao final, as palmas se tornaram ensurdecedoras. *Vestido de Noiva* era um sucesso. Apenas a partir de sua terceira peça, *Álbum de família*, que Nelson iniciou a fase do “teatro desagradável”.

Em *A menina sem estrela* Nelson lembra de um episódio desagradável no jornal *O Globo*, desses que “o homem não esquece nunca mais”. Tal experiência se tornara obsessiva para Nelson que, a partir daquele momento, a incorporou em sua literatura. O fato foi que um dia, Roberto Marinho chamou seu irmão Mário Filho para conversar, dizendo que Nelson precisava se cuidar mais, cuidar do cabelo, da roupa, fazer a barba, não ser tão desleixado. Por fim, Roberto Marinho disse: “Ontem, o seu irmão estava cheirando mal”. Mais tarde, Mário teve uma conversa com Nelson, contando o que Roberto Marinho tinha dito. “Recebi um baque no peito. Ninguém sente o próprio cheiro; mas acreditei. (...) O que ainda hoje me espanta é que a minha humilhação não foi, de momento, tão funda e tão desesperadora. Eu viria sofrer, em verdade, mais tarde. Agora mesmo, sofro ainda” (*A menina sem estrela*, 2002, p.119). Nelson havia sido ferido para sempre. Ele segue contando que, em seu romance *O casamento*, o reflexo do episódio foi transposto para a ficção. Ele diz que há no romance, um personagem, Xavier, que um dia um amigo chama de lado e diz: “Olha. Vou te dizer uma coisa. Mas promete que não fica zangado? O Xavier prometeu. E o outro continua: - É o seguinte: talvez porque você só use um terno (eu vejo você sempre com esse terno), o fato é que.... Suspense de uma pausa e a palavra definitiva: Você, às vezes, até cheira mal”. Nelson afirma que também em *A vida como ela é*, tal situação retorna, quando um sujeito diz ao outro que este cheirava mal. A vítima apenas suspira e agradece e, depois de pegar o dinheiro no banco para o pagamento do pessoal da firma em que trabalhava, pega um táxi e roda pela cidade. Dentro do carro, dá um tiro na boca.

São principalmente nos contos de *A vida como ela é* que vamos encontrar alguns exemplos como esse. A fascinação do autor por trazer aos olhos do leitor situações constrangedoras vividas pelo ser humano está muito clara em sua ficção. Se pensarmos bem, tal fascinação pelo mau gosto, pelo grotesco, não é apenas de

Nelson. Faz parte do ser humano um interesse mórbido por tudo que possa ser bizarro, estranho. É interessante citarmos a fala de Muniz Sodré em seu livro *A Comunicação do Grotesco*, em que diz que faz parte do ser humano a fixação pelas dejeções, pelo suor, pelas roupas usadas. De acordo com Sodré, tudo que à primeira vista se localiza numa ordem inacessível à “normalidade” humana encaixa-se na estrutura do grotesco. Citando Wolfgang Kayser, afirma que o estranhamento causado pelo grotesco aparece sempre que falta ao homem uma orientação segura com relação à vida, sendo portanto a manifestação de uma angústia. Sodré discorda e afirma que, ao contrário, em nossa sociedade de massa, o grotesco é posto a serviço de um sistema que pretende ser a compensação para a angústia do indivíduo que vive nos grandes centros urbanos (Sodré, p.39). Podemos pensar a partir disso que o fascínio do homem pelo trágico, pelo grotesco, representa quase que um alívio, um conforto, justamente uma “lama medicinal” como havia dito João Freire Filho em sua tese.

Especialmente a fixação com o suor ou mau cheiros se destaca nos contos de Nelson. Esse é o caso do conto “Banho de Noiva” (*A vida como ela é – O Homem fiel*, 2002, p. 21) onde jovem recém casada exige que o marido tome vários banhos (para que enfim eles consumam o casamento). Humilhado, o marido se recusa a atender o pedido e ali mesmo, no hotel da lua de mel, o casamento termina, com a esposa aos berros: “É um porco! Casei-me com um porco! Tirem esse porco daqui!”. Também em *A Menina sem estrela* (Rodrigues, 2002, p.42), Nelson lembra de episódio de quando era criança e, viu no carnaval, uma jovem vestida de odalisca, acompanhada pelo marido. A partir dessa imagem, Nelson declarou: “Ainda hoje, quando penso nos dois imagino que a cara do marido pode influir no adultério. A cara, ou a obesidade, ou as pernas curtas, ou a papada, ou a salivação intensa”. Ele segue afirmando que se lembrava de uma senhora que também traía o marido e, quando lhe perguntaram o motivo, ela respondeu, “crispada de ressentimento”, que era porque ele suava nas mãos. Já outra era infiel pois havia descoberto que o marido tinha saliva ácida. Também não podemos esquecer das famosas varizes das vizinhas que se estendiam nas janelas para espionar a vizinhança e que fazem parte do repertório de mau gosto utilizado pelo autor.

Outro conto retrata a questão da traição por razões inesperadamente absurdas. “Esposa bem tratada” (*Coroa de Orquídeas*, 2001. p.123) relata o caso

de Luci, esposa honesta casada com Braga, que a tratava como uma rainha. Um amigo do casal, Miranda, se apaixona por Luci mas não tem coragem de procurá-la e declarar-se. Quem decide se aproximar é Luci, propondo que os dois marquem um encontro. Miranda então lhe pergunta se gostava dele, recebendo a dura resposta de que não, nem um pouco. Surpreso, Miranda pergunta: “Se não gostas de mim, porque traíste teu marido?” Luci ergue-se. Apanha a bolsa, enquanto o amante espera. Diz-lhe: - Traí meu marido porque, todas as noites, ele tira a dentadura e põe num copo”.

O conto “Banho de Cleópatra” (*Coroa de Orquídeas*, 2001. p.65) também se destaca por apresentar a obsessão com a limpeza do corpo. Ritinha, casada com Hildegardo, não se conforma pelo marido só tomar banho apenas aos domingos. Esposa de “um asseio mórbido”, Ritinha implorava ao marido que tomasse banho todos os dias, até que finalmente, ele atende ao pedido e decide tomar um banho “caprichado”. Hildegardo não se contenta apenas com o banho, mas realiza o serviço completo, escova os dentes, põe colonia e passa talco nos pés. Na cena passada no banheiro, Nelson não deixa escapar nenhum detalhe: “Enquanto a mulher abria as torneiras, ele, diante do espelho, escovava os dentes. Disse: - Banho morno! O dentrífico escorria-lhe da boca como uma efervescente baba”. O “processo” de limpeza é tão grande que Ritinha, desconfiada, proíbe o marido de sair de casa: “Você arranhou uma cara e vai se encontrar com ela. Por isso tomou banho. Mas vai ficar, ouviu? Vai ficar. Quero a tua limpeza para mim”. É interessante lembrar que situações que envolvem a baba humana são recorrentes na obra de Nelson. Principalmente a inusitada expressão “baba elástica e bovina”.

O cuspe é outro elemento que muito aparece nos contos. Em “A mulher do próximo” (*A vida como ela é...O homem fiel e outros contos*, 2003, p.35) temos a história de casal onde o marido descobre que a esposa o traía com um de seus amigos. Arlindo, o marido, revela então ao amigo traidor que havia descoberto tudo e que, como castigo, sempre que o encontrasse na rua, lhe daria uma cusparada na cara. Depois de algum tempo, não aguentando mais a humilhação, o amigo se mata com um tiro.

Além de colocar em seus contos esses pequenos detalhes de cheiros, suores, cuspes e babas, Nelson por outro lado inseria outros elementos que também podemos considerar de mau gosto. Deformações humanas é um deles. Em “Toquinhos de braços”(*A vida como ela é: Coroa de Orquídeas*, 2001, p.60)

vemos a história de casal cuja esposa se desespera por não conseguir ter filhos. Sempre que engravidava, as crianças nasciam mortas. Depois de três mortes seguidas e convencida de que o sangue do marido não combinava com o seu (e por isso as crianças nasciam mortas), toma uma medida drástica e o trai. Finalmente, o filho não morre no nascimento. A felicidade é geral, até mesmo do pobre marido enganado, até que, para espanto geral, a surpresa mórbida: a criança nascera sem braços. No lugar deles, toquinhos.

Em “O aleijado” (*A vida como ela é...O homem fiel e outros contos*, 2003, p.123), mais uma vez a deformidade do corpo humano. O personagem principal, Sandoval, só se interessava por mulheres casadas. Uma jovem, apaixonada por ele, mas infelizmente solteira, decide se casar apenas para que Sandoval a aceitasse. Mas, para que o marido não se tornasse um grande obstáculo no relacionamento dos dois, a perversidade da jovem não tem limites: “...escolhera, a dedo, entre muitos, o rapaz que lhe parecera mais cômodo e inofensivo. Então, envaidecida da própria malícia, soprou: - Sabe? Ele é aleijado”.

Situações que ressaltam a deformidade do corpo são utilizadas por Nelson conscientemente e sem nenhum pudor. Assim como o anterior, o conto “Namorada Caolha” (*Coroa de Orquídeas*, 2001, p.147) ilustra bem essa opção do autor. O personagem Xavier, bêbado, pede em casamento a filha do dono da festa em que estava. No dia seguinte, arrependido, se desespera porque, com pena da jovem por ela ser estrábica, não consegue desfazer o mal entendido. Ao conversar com um amigo, Xavier diz não ter coragem de dizer à Galatéia a verdade: que a considera “um bucho”. É bom lembrar que esse adjetivo, “bucho” aparece regularmente nos contos de Nelson. Em suas histórias é comum vermos personagens que, sem nenhum embaraço, admitem o que acham um dos outros. No caso de Galatéia, esta só saberia disso tarde demais. Encantada com o casamento, só começa a desconfiar das reais intenções de Xavier quando recebe um telefonema anônimo, franco, direto e cruel: “Olha aqui sua caolha: O Xavier não gosta de você coisa nenhuma. Tem pena”. Chocada, Galatéia interpela o noivo que, mais uma vez sem coragem, nada diz. Mesmo assim, Galatéia não consegue esquecer a terrível acusação: “caolha!”, e sem dizer nada a ninguém, decide operar a vista. Xavier, ao ver que Galatéia estava com os olhos normais exclama: “Não me caso mais, ouviu? (...) Enquanto você foi caolha, eu tinha pena. Agora só tenho asco! Nojo!”. O triste fim da história de Galatéia ainda se tornaria

mais grotesco quando decide se suicidar. Xavier, ao saber, ri sórdido: “Ótimo, ótimo! Traz mais um chope, garçom!”.

Esses foram exemplos bem ilustrativos dos detalhes pequenos, sórdidos e de mau gosto do universo retratado por Nelson. Mas certamente que os próprios temas utilizados pelo autor já eram o suficiente para causar a indignação do público. Chamado de “canalha” por suas peças teatrais, Nelson não tinha problemas em escrever sobre os aspectos mais grotescos da sociedade brasileira. Seu estilo dramático e de mau gosto nada mais é do que o substrato de uma cultura latino americana, que privilegia as lágrimas, o amor, o drama humano. Ingredientes popularescos como o tango, o cinema das lágrimas, a telenovela, a música (por exemplo a nossa música sertaneja) são características determinantes de uma determinada cultura que sem dúvida nos influencia e influenciou Nelson.

Desde o drama romântico no cinema até o melodrama vemos características dramáticas que fazem parte do repertório de Nelson. Principalmente o exagero melodramático é o que aproxima o autor das histórias de amor e morte. No entanto, é interessante observar que, se formos comparar as propriedades dramáticas do drama romântico no cinema e do melodrama, e a obra de Nelson, veremos que o extremo maniqueísmo, a crença na justiça e o final feliz dos primeiros em nada se parecem com as histórias do autor. Nestas, ao contrário, os finais são trágicos, o pai de família pratica incesto e o marido, no enterro da esposa, descobre aos prantos que era traído.

Nelson optou por mostrar a sordidez humana. Em “Contra a violência”, publicada na coleção *A cabra vadia* (2002. p.124), o autor lembra de quando leu no jornal que Hollywood declarava guerra à violência. Traições demais, ódios demais, mortes demais eram de fato, afirma o autor, características do cinema, mas que, tais ingredientes, fazem parte da natureza humana: “*Diria eu que a humana sordidez tem sido o ganha-pão dos que, hoje, tentam uma árdua, frenética e antieconômica purificação. Se não existisse no homem o lado podre, se não existisse no fundo de cada qual a lama inconfessa e encantada, também não existiria a indústria cinematográfica*”.

Nelson afirma que todas as violências nos fascinam, e que sempre foi assim. Ele aconselha na crônica que Hollywood não deixe de realizar filmes violentos: “*Mais do que nunca, deve fabricar os filmes hediondos. O homem precisa ser colocado diante da própria violência. Temos que ver a face de nossa*

crueledade. Ou o cinema nos ofende e nos humilha ou, então, deve morrer. E, sempre que o cinema apresenta a sordidez em dimensão gigantesca, cada qual sente o eterno, o sagrado que existem no mais vil dos seres” (Cabra vadia, 2002, . 126).

O sucesso de produtos ou produções que contém elementos popularescos (filmes, programas de televisão, imprensa) confirma que o grotesco fascina. Nos anos 60 e 70, tudo aquilo que era considerado como popularesco era visto como entretenimento irresponsável, recebendo adjetivações como “sentimentalóide” e “sensacionalista” (Freire Filho, 2001, p.147). Passados alguns anos, o debate sobre o popularesco se volta principalmente para os programas de televisão, quando, nos anos 80, a TVS (atual SBT) colocou no ar programas que haviam sido rejeitados nos anos anteriores por serem considerados de péssimo gosto (idem, p.148). A partir daí, nos anos seguintes, seria colocado em pauta o porque do sucesso de programas popularescos. Programas de TV, como o *Cidade Alerta*, de rádio, como o *Rádio Patrulha* e jornais sensacionalistas como *O Povo* (que analisamos na primeira parte da dissertação) utilizam elementos que despertam no espectador o fascínio pela tragédia, pelo drama e desgraça alheia, e todos têm público. Da mesma forma, as reportagens policiais de Nelson Rodrigues possuem ingredientes semelhantes, ao exagerarem a dramaticidade das ocorrências policiais. Tudo aquilo que foge à “normalidade” da vida humana chama a atenção: crimes sangrentos, pessoas deformadas, desastres e todo tipo de tragédia. E na sociedade de massa, tal estranheza acaba por ser transformada em espetáculo, seja na televisão, seja nas páginas de um jornal.